

CHUVAS

Enchente que destruiu parte de Goiás Velho, patrimônio cultural da humanidade, expôs o problema da devastação das matas ciliares. Fazendeiros derrubaram 80% da vegetação ribeirinha, fundamental para contenção das águas

Rio Vermelho pede socorro

Renato Alves
 Enviado Especial

Acácio Pinheiro



GOIÁS VELHO: LEVANTAMENTO DO GOVERNO ESTADUAL MOSTRA DESMATAMENTO EM TRECHO DE 14 QUILOMETROS NA BACIA DO RIO VERMELHO

Degradação de 8 mil hectares

Levantamento da Agência Ambiental mostra que quase 8 mil hectares de terra foram desmatados ao longo do rio Vermelho para dar lugar à pastagem. Os danos causados pelos assentamentos não chegam a 0,5% do total da área devastada. O presidente do Sindicato Rural da cidade de Goiás, Anajarino Garcia Júnior, que é também secretário de Agricultura do município, acha que a mentalidade dos fazendeiros da região está mudando, mas admite que alguns continuam derrubando árvores nas margens do rio e afluentes. Ele confessa ter feito o mesmo em grande parte de sua propriedade de 38 hectares, por onde passa o rio Uru, no estado do Tocantins. Garante que há dez anos não desmata.

“Não devemos tampar os olhos para o problema. Mas, infelizmente, esta é uma herança cultural que herdamos. Há quatro anos, a coisa mudou um pouco. Agora há o rodízio de plantio como milho, o sorgo e o capim”, afirma Anajarino Júnior. Numa coisa todos concordam: os garimpeiros que atuam clandestinamente tentando encontrar ouro no rio colaboram na degradação. Por onde passam, deixam danos, assoreando e mudando o curso do rio. Alguns usam mercúrio para separar a lama do ouro. O material tóxico acaba sendo levado pela água das chuvas para dentro do rio, matando peixes e plantas.

Goiás (GO) - Pequenos, médios e grandes proprietários de terra, administradores municipais e governo estadual. Todos reconhecem que a degradação ambiental da bacia do rio Vermelho é a principal causa das enchentes que deixam a cidade de Goiás, ou Goiás Velho, a 130km de Goiânia, debaixo d'água sempre que o volume da chuva aumenta no fim de cada ano. Eles até admitem uma parcela de culpa. Sabem do mal que causam à natureza e ao município, patrimônio cultural da humanidade. Mas fazem pouco para mudar o cenário de devastação.

Levantamento da Agência Ambiental do Estado de Goiás mostra que 80% das matas ciliares nos 17 quilômetros do rio Vermelho, entre a nascente e a cidade de Goiás, foram devastadas. A maior parte de plantas nativas do cerrado deu lugar ao capim, fonte de alimento das 200 mil cabeças de gado de corte criadas em pouco mais de mil propriedades rurais.

A resposta da natureza à desenfreada destruição também é agressiva. A última vez que o rio manifestou-se foi na tarde do dia 31 dezembro, véspera de ano-novo. Depois de 13 horas incessantes de chuvas, o rio não suportou. No estrangulamento que sofre na cidade de Goiás, com a invasão do seu leito por construções novas e antigas, transbordou.

O resultado foi trágico. Das 800 moradias preservadas pela

Unesco, 81 foram atingidas — inclusive a da poetisa Cora Coralina —, sendo que 15 correm o risco de desabar a qualquer momento. Vinte e três estabelecimentos comerciais que ficavam na margem do rio viraram ruínas.

Para o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), serão necessários

R\$ 15 milhões só para restaurar os casarões. Até agora, nenhum centavo dos R\$ 2 milhões anunciados pelo governo federal e dos R\$ 250 mil emergenciais prometidos pelo estado e o Iphan chegaram à cidade.

Com a tragédia, as agressões sofridas pela bacia do rio Vermelho vieram à tona. “Agora, aguardamos a implantação da

Área de Proteção Ambiental (APA) da bacia do rio”, diz o ambientalista e vereador em Goiás pelo Partido Verde, Rodrigo Santana. Uma das mais importantes normas da APA é o impedimento do desmatamento numa faixa de 30 metros das margens dos rios e afluentes.

A portaria de ampliação da APA de Serra Dourada, que pro-

tege o rio Vermelho, ribeirões e córregos adjacentes, numa área de 16.851 hectares, foi assinada pelo governador de Goiás, Marconi Perillo, em janeiro de 2000. Mas não saiu do papel. Quando sair, grande parte da APA ficará dentro de terrenos particulares. Será preciso trabalho dos fiscais para fazer com que os fazendeiros a respeitem.

Sem política ambiental

O prefeito de Goiás Velho, Boadyr Veloso (PPB), que acusou famílias de pequenos produtores assentados pelo Incra na área rural de ter desmatando as margens do rio Vermelho, vetou no ano passado projeto ambiental de autoria do vereador Rodrigo Santana (PV), um dos seus mais ferrenhos opositores.

“Para um vereador (Rodrigo), todos os problemas da cidade estão ligados ao meio ambiente. Nós fazemos o que está dentro do nosso alcance. A arrecadação do município é baixa. Até agora, todo mundo prometeu ajuda, mas não vimos nenhum centavo nas contas da prefeitura. Estamos bancando todo o gasto da limpeza e recuperação da cidade”, reclama Boadyr Veloso. Ele também é fazendeiro. Tem 360 alqueires de terra perto da cidade. Mas, garante, não derrubou nenhuma planta nativa.

ASSENTAMENTOS

Goiás Velho tem dois assentamentos do Incra, Serra Dourada e Paraíso, ocupados por 30 famílias desde fevereiro de 1999. O Presidente da Associação do Projeto de Assentamento Serra Dourada, José Osmar Marques, 49 anos, admite que ele e seus colegas devastaram 18 hectares de mata nativa na beira do rio Vermelho. Mas alega que a derrubada foi autorizada por técnicos do Incra.

“Podemos estar errados. Mas a nossa culpa é bem menor do que falam. Tem um fazendeiro vizinho do assentamento que nos últimos quatro anos não desligou o trator de esteira. Ele derrubou 3.000 hectares de mata”, ressalta José Marques. Ele frisa ainda que os assentados têm feito a sua parte para tentar preservar as margens do rio.

Com o apoio da Agência Ambiental, há dois anos eles replantaram 16 mil mudas de espécies nativas do cerrado como a amescla, aroeira, xixa, guatambu e carvoeiro, em 11 hectares do assentamento. As enchentes levaram mais de 10 mil mudas.

PARA SABER MAIS

Cidade às margens do rio

A nascente do rio Vermelho fica a 15 quilômetros da cidade de Goiás e desemboca a cerca de 180 quilômetros, no rio Araguaia. O rio deixa de ser um ribeirão tranquilo ao atravessar o fecho dos morros e serras, percorrendo

o leito, num trecho de fortes declives, composto de rocha, mesclado a solos diversos. Do poço do Bispo, as margens do rio se alargam, sendo contidas apenas pelas barreiras das matas ciliares, fartas até meados do século XVIII. A exploração do ouro formou núcleos populacionais na região. A cidade de Goiás instalou-se nos dois lados do rio, além das margens.